As estimativas concernentes ao plantio da safra de 1993/94 começaram a ser divulgadas em outubro, pela Conab. Considerando-se que o agricultor estava-se capitalizando, que vinha usando novas formas de financiamento e que o emprego de tecnologia dava indícios de melhoria, a primeira previsão dava conta de um total produzido, em 1994, de em média 24,5 milhões de toneladas. Esta previsão também foi adotada pela Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) (ver tabela).

Este ano, a comercialização também se caracterizou pelas vendas antecipadas pelos agricultores, que superaram a média dos anos anteriores. Os demais componentes do complexo, o farelo e o óleo, apresentam comportamentos díspares. Apesar de o primeiro contar, igualmente, com preços superiores aos da safra passada, a média de preços de 1993/94 está abaixo da média histórica, em razão da menor atividade da avicultura, no período. Para o óleo, a situação é outra, com preços elevados, acima da média do período, devido à influência da conhecida escassez no mercado externo. Esta falta, aliás, não é só do óleo de soja. Com efeito, para a produção total dos óleos vegetais, estimada pelo Departamento de Agricultura dos EUA, 62,68 milhões de toneladas, o mesmo órgão contrapõe a estimativa de consumo global de 62,92 milhões de toneladas. Tais números reduziram o estoque final do período, de 6,1 milhões de toneladas para 5,7 milhões de toneladas. Deste modo, a atual safra recorde de soja da América do Sul (39 milhões de toneladas) não consegue compensar a redução ocorrida nas produções mundiais da própria soja, do girassol e do algodão.

Isto, porém, já foi absorvido pelo mercado, que está lidando agora com a informação de que cerca de 80% das lavouras de soja dos EUA encontram-se em condições de boas a excelentes. No ano passado, estas duas categorias correspondiam a tão-somente 45% da safra. Outro dado importante é que os EUA tornam-se, agora, o mais destacado fornecedor de soja, o que persistirá até o início de 1994. Assim, apesar de os preços futuros estarem registrando baixa, a pressão da demanda mundial tenderá a impedir maiores quedas. Cabe registrar que, internamente, as primeiras semanas do Plano Real trouxeram alguma perplexidade ao mercado, com a persistência dos temores de que a sobrevalorização do câmbio venha a prejudicar as exportações.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

CARNE BOVINA

Queda-de-braço

De maneira que já se tornou praxe em época de planos de estabilização, a pecuária bovina volta a despertar grande interesse e atenção, dada a importância óbvia da carne na alimentação. Da mesma forma, a característica sazonal da oferta deste produto o torna alvo de preocupação com relação aos seus impactos nos índices de medida da inflação.

A pecuária bovina brasileira vem se modernizando de forma significativa. As mudanças tecnológicas observadas no setor, com efeitos principalmente após meados da década dos 80, têm atenuado a amplitude das flutuações de preços do antigo ciclo pecuário de seis a sete anos. Da mesma forma, e aparentemente pelo mesmo motivo, tem-se verificado para o período mais recente uma atenuação na amplitude de variação de preços da safra/entressafra bovina. Assim, a diferença percentual entre os maiores e menores valores reais do boi gordo nos últimos anos foram de 63,9% em 1990, 45,3% em 1991, 24,3% em 1992, e 30,9% em 1993. Em 1994, até o mês de julho, o maior diferencial é de 20,5%.

Observa-se no momento uma queda-de-braço entre pecuaristas e frigoríficos pela elevação dos preços.

Outro fato bem estabelecido na pecuária de corte brasileira é o papel de ativo financeiro desempenhado pelo boi. Este papel — que, de fato, sempre existiu, dada sua alta liquidez — foi exacerbado a partir do

início da "era dos choques heterodoxos", iniciada com o Plano Cruzado, em 1986. Com base na observação acima, havia grande preocupação a respeito de qual seria o comportamento dos preços do setor durante o plano de estabilização em curso. Como pode ser observado nos dados do gráfico 1, entretanto, que mostra a evolução dos preços do boi gordo desde o início de 1993 até aqui, o setor evoluiu de forma absolutamente normal.

O pecuarista recebe de fato quando abate o animal e não quando da contratação do preço com o frigorífico.

Observa-se que, desde o pico de preços, em agosto de 1993, quando o preço da arroba atingiu a marca de R$31,00 para pagamento em 20 dias, houve decréscimo nos preços reais do boi gordo recebidos pelos pecuaristas de corte. Este decréscimo foi praticamente contínuo até o mês de julho passado, quando o preço do boi gordo no estado de São Paulo atingiu a marca de R$22,42 para pagamento em 20 dias. Deve-se notar, portanto, que não houve a tão temida explosão de preços.

Os preços acima mencionados, entretanto, são para pagamento em um prazo referencial mínimo de 20 dias. O pecuarista recebe de fato quando do abate do animal e não, quando da contratação do preço com o frigorífico. Como entre a contratação do preço e o abate pode transcorrer um período de, em alguns casos, até uma semana, o preço real recebido pelo pecuarista precisa ainda ser descontado por este prazo, que é variável. Estes dados podem ser observados no gráfico 2, que traz os dados diários do preço do boi gordo no estado de São Paulo desde o início de junho de 1994, descontados pelo prazo médio de pagamento através da taxa média das Notas Promissórias Rurais (NPR).

Existem dois efeitos se contrapondo aqui: o das geadas e o da expectativa gerada pelo Plano Real.

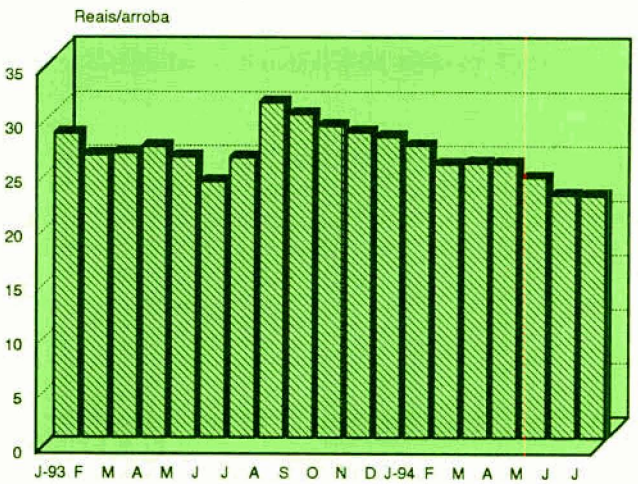
Nesta nova apresentação, os dados mostram que os valores reais à vista do boi gordo naquele estado estão em elevação, o que é natural para esta época do ano. Deve-se notar que existem dois efeitos se contrapondo aqui: o das geadas do mês de julho, que deveriam ter elevado a oferta, dado o prejuízo às pastagens, e o da expectativa gerada pelo início do Plano Real, em julho, que deveria ter agido em sentido contrário.

O que se observa no momento é uma queda-de-braço entre pecuaristas e frigoríficos, pela elevação dos preços. Apesar das geadas, a oferta continua retraída. Com o baixo nível de consumo atual, entretanto, não tem sido possível ratificar no varejo elevações de preços ao produtor, o que tem gerado pouca atividade em termos de abate, tendo sido freqüente a paralisação temporária das compras por parte dos frigoríficos.

A valorização recente do real em relação ao dólar elevou consideravelmente os preços quando cotados naquela moeda, o que está trazendo dificuldades para a exportação. No gráfico 2 pode-se visualizar, ainda, o valor do Índice BM&F/boi/Esalq que dá o valor diário do boi gordo no estado de São Paulo em dólares por ar-

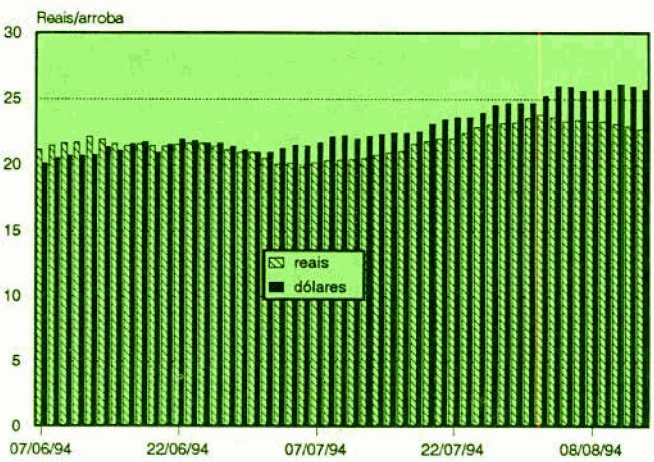
Boi gordo

(preços reais)



Preços reais do boi gordo

(descontados pelo prazo de pagamento)



roba, à vista. Como se pode ver, o preço da arroba do boi gordo em dólares descola do preço em reais a partir do início do mês de julho, diferença que se acentua bastante a partir do início de agosto.

Esta situação deverá reverter o cenário positivo que se desenhava, desde o início deste ano, para as exportações de carne bovina do Brasil, com base na queda da produção, redução dos rebanhos e queda dos estoques do produto na União Européia. Além disso, frustra a expectativa de melhora nas exportações devido aos progressos conseguidos internamente no controle da febre aftosa. Felizmente, para o produtor, a demanda para exportação representa apenas algo em torno de 7% dos abates totais anualmente. No entanto, os frigoríficos especializados nesta modalidade de produção terão dificuldades, o que poderá gerar impactos regionais na produção.

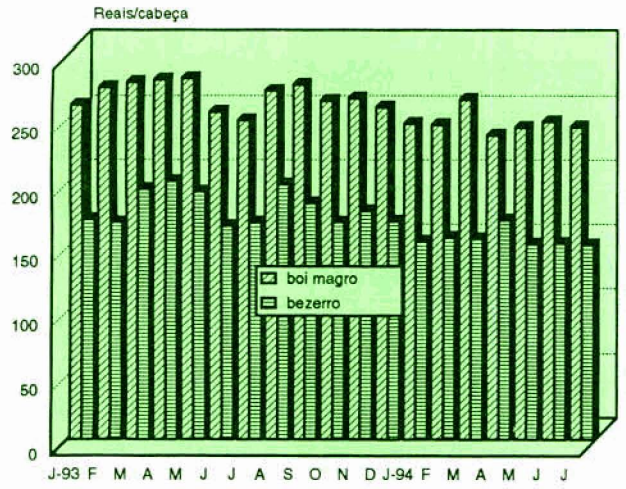
Esta aparente tranqüilidade no mercado do boi gordo se transmite para as categorias inferiores. Desta forma, os preços do boi magro estão, desde o início do ano, abaixo, em termos reais, da média dos últimos 12 meses, que foi de R$254,38 por cabeça no estado de São Paulo. O mesmo acontece com o preço dos bezerros, também desde janeiro abaixo da média de preços para os últimos 12 meses, que foi de R$165,42, com exceção do mês de abril. Estes dados podem ser observados nos gráficos 3 e 4.

Esta aparente tranqüilidade no mercado do boi gordo se transmite para as categorias inferiores.

Como se pode ver, portanto, com exceção do cenário pessimista para as exportações, o panorama da pecuária bovina é de relativa tranqüilidade. A partir deste mês, deverão começar a entrar no mercado bois gordos provenientes de confinamento, o que poderá melhorar a oferta. Neste momento, entretanto, os frigoríficos têm tido dificuldades de comprar bois gordos a preços abaixo de R$24,00 a prazo, valor que, descontado pela taxa média da NPR, corresponde a aproximadamene R$23,00 à vista (ou US$26,00). O que está *segurando* o preço do boi gordo nos níveis atuais é exatamente a demanda. O comportamento desta, doravante, é que determinará o ritmo da evolução dos preços da pecuária bovina nesta entressafra.

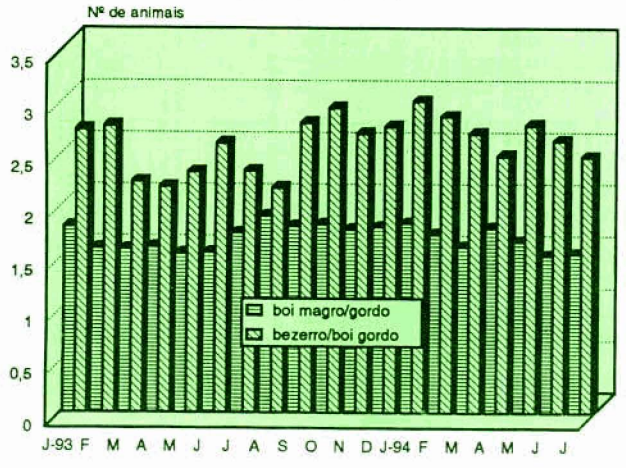
Boi magro e bezerro

(preços reais)



Pecuária bovina

(relações de troca)



REFERÊNCIA

Fundação de Estudos Agrários "Luíz de Queiróz". *Preços Agrícolas*. Piracicaba, SP, Cepea/Esalq/DESR. vários números.

JOAQUIM BENTO DE SOUZA FERREIRA FILHO.

Prof. assistente do Depto. de Economia e Sociologia Rural da Escola Superior de Agricultura "Luíz de Queiróz" — Esalq, da Universidade de São Paulo — USP. Piracicaba, SP.